

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 15000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.  
BRAZIL, (BOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL., 25000 RS.

## PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

## PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANÚNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NUMERO AVULSO 20 RS., COM 100 RS. NO BRAZIL.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

## Aveiro

### OS QUADRILHEIROS INFAMES

Foi o *Poso de Aveiro*, que revelou ao paiz a vil patifaria e escandalosissima arbitrariedade praticada com um infeliz surdo mudo de Ovar.

Eis os termos de que nós nos serviamos, em 26 de agosto de 1888:

«Esse vil quadrilheiro (Manuel Firmino) reteve um individuo na cadeia de Aveiro por mais de seis mezes sem culpa formada. Sabe-se que a autoridade administrativa não pôde ter nenhum preso á sua disposição por mais de 24 horas. Pois abusando-se da desgraça d'um infeliz, que, além de desprotegido, e mudo, e portanto não pode explicar-se, nem se pode queixar, o governador civil de Aveiro, o capitão d'esses calabrezes de faca e punhal que infestam a cidade, conservou o infeliz mais de seis mezes na cadeia, unicamente porque se temia que o desgraçado ensaboasse a cara d'um patife d'um progressista de Ovar que lhe tinha feito qualquer pouca vergonha.»

Assim annunciavamos nós a mais insolita pouca vergonha, a mais descarada infamia que talvez se tenha praticado em Portugal nos ultimos annos.

Veio o *Districto de Aveiro*, que a confirmou e completou. O caso, por ser graúdo, correu mundo e a maior parte da imprensa referiu-se a elle, estigmatizando fortemente o capitão da companhia dos malandros, como é de vêr.

Então a immunda sentina da Vera Cruz sahio a campo pelos seus brios. E nas portas da cloaca appareceu estampado este aviso, em 1 de setembro do corrente anno:

«Isto (o que nós contavamos) é redondamente falso em todas as suas partes. O individuo a que se referem foi condemnado, na comarca de Ovar, como vadio, por sentença judicial passada em julgado, a algum tempo de prisão correccional, e entregue, pela mesma sentença, á disposição do governo para lhe fornecer trabalho pelo tempo que parecesse conveniente, nos precisos termos do artigo 256 do Codigo Penal. Cumprida a sentença, o sr. governador civil consultou o governo sobre o destino que lhe deveria dar. Como é mudo, e portanto incapaz do serviço militar, a que geralmente costumam ser destinados os individuos n'estas condições, foi posto em liberdade, fornecendo-se-lhe trabalho, á sua escolha, nas obras publicas, municipaes ou particulares. Escolheu estas, e n'ellas anda, muito de sua livre vontade e satisfeito, em plena liberdade de acção e ganhando bom salario.»

Nós e o *Districto de Aveiro* desmentimos os biltres, referindo o que em tudo isto havia de verdade. Joaquim Chia, assim se chamava o mudo, nunca fôra vadio. Mas era certo que, por vinganças possoaes, fôra condemnado como tal, em Ovar, a dez dias de cadeia. A dez dias, repare-se bem. Findos elles, o homem tinha de ser posto forçosamente na rua, embora lhe dêssem depois outro destino. O que elle não podia era permanecer n'uma enxovia como se fosse um assassino. E conservava-lo lá representava o mais negro attentado á liberdade humana e ás garantias do cidadão que se pôde imaginar.

Pois os biltres, os canalhas, os quadrilheiros infames, os ladrões reles persistiram em negar tudo, e ainda no sabbado diziam em resposta á *Democracia*:

«E' falso que o sr. governador civil conservasse alguém preso, sem culpa formada. Já tambem aqui respondemos, por mais de uma vez, a essa calumnia. O desgraçado, a que se referem os calumniadores, estava condemnado, como vadio, por sentença judicial passada em julgado, e posto por ordem do respectivo juiz á disposição do governo, segundo as disposições do cod. penal, para se lhe dar trabalho, como deu.»

Para se lhe dar trabalho! São elles proprios a confessar que o homem não podia nem devia estar na cadeia. Posto á disposição do governo, para se lhe dar trabalho. Notem bem! E agora leiam:

«Ill.º e ex.º sr.

Antonio da Silva Pereira, casado, d'esta cidade, precisa que o carcereiro da cadeia d'esta cidade e comarca, ou quem para isso tiver competencia, certifique qual a data em que Joaquim Chia, surdo mudo, natural de Ovar, entrou na referida cadeia e bem assim a data em que d'ella sahio. E por isso:

Roga a v. ex.º, ex.º e m.º sr. juiz de direito d'esta comarca de Aveiro se digne assim o ordenar.

E R. M.

Aveiro, 20 d'outubro de 1888. (assignado) Antonio da Silva Pereira.»

Deferido. — Aveiro, 20 de novembro de 1888.

(a) A. Cortezão.

### Certidão

«Certifico que no libro (vae com orthographia do original para mais authenticidade) dos assentos i sahidas incontrei o nome de Joaquim Chia o mudo de Ovar que introu por ordem do ex.º Governador Civil Manoel Firmino de Almeida Maia o qual deu entrada no dia 14 de dezembro de 1887 i sahio por ordem do mesmo em 19 de Agosto de 1888.

Aveiro 21 de 8.br.

O carcereiro (assignado) Antonio José de Carvalho.»

A assignatura é feita sobre dois sellos de 40 réis cada um, inutilizados com as datas 21 de outubro de 1888. Está reconhecida pelo tabellião Antonio Augusto Duarte e Silva.

Se a patifaria é o cumulo da infamia, o cynismo com que os bandidos mentem é o cumulo da baixeza dos caracteres. E houve um jornalista, um tal redactor do *Reporter*, que declarou n'outro dia que dispensava a decisão dos tribunales para fazer o seu juizo sobre o pleito! Que só se tinha feito echo das accusações dirigidas ao sr. Firmino Maia para provocar um desmentido!

Como tudo isto é repugnante! Mas o publico ali está para julgar a scucia toda que se nos depara na frente. Por hoje fica provado o seguinte:

Que o vil quadrilheiro, capitão da companhia dos malandros, ladrão emerito e galardoado pelo sr. presidente do conselho, teve encerrado nas prisões de Aveiro, sem culpa formada, unicamente para satisfazer os seus instinctos de regulo feroz, um desgraçado surdo mudo, durante oito mezes e quatro dias.

Que, ao par e passo que n'este paiz não ha commiserção por um infeliz que roube um pão para comer, ficam impunes, e até são premiados, crimes tão monstruosos como esse é.

Que o sr. José Luciano de Castro, depois de ser accusado de ladrão por o bandido que se chama Manuel Firmino d'Almeida Maia, e de ter batido em seu paiz, não só levou a falta de brios até nomear esse homem seu delegado de confiança, como hoje leva a falta de pudor até o expulsar do governo civil, sem o processar e sem o demittir pelos seus crimes estupendos. Isto quando persegue funcionarios dignos e austeros, só porque combatem o capitão de ladrões.

Onde fica a vergonha, a auctoridade, o decoro d'esse ministro?

Que não sabemos que dizer da attitude apathica com que os srs. juiz de direito e delegado do procurador régio n'esta comarca encaram a patifaria que se deu com o mudo.

E, emfim, que se os malandros são repellentes no crime, não são menos repellentes no cynismo e descaro com que os negam, chamando aos outros calumniadores.

Em qualquer dos proximos numeros publicaremos a sentença, que condemnou o infeliz surdo mudo.

E até domingo!

## O NOVO GOVERNADOR CIVIL

Já tomou posse do seu logar de governador civil d'este districto o sr. João Affonso Espregueira.

Podiamos, n'este momento, cantar definitivamente o triumpho do povo n'esta renhida questão que se travou em Aveiro. Por-

que, na verdade, ha sobejos motivos para isso. As irmãs da caridade foram postas na rua e o capitão de ladrões acaba de seguir pelo mesmo caminho. Unas expulsas do hospital e da cidade; outro expulso do governo civil. E' um grande triumpho, uma grandissima victoria, que se deve unica e exclusivamente á attitude firme, resoluta e decidida do povo, do nobre povo d'esta terra que tem admirado o paiz com a sua conducta nos ultimos tempos.

Podiamos, pois, cantar gloria n'esta occasião, que ha motivo para isso. Mas, já agora, espere-mos que o trabalho se complete de todo, embora esteja feito o mais importante e o mais essencial. Ainda falta alguma coisa, que nós reputamos de muito valor. Esperemos, portanto, e esperemos trabalhando todos com a maior energia, com o maior entusiasmo, com a mais viril tenacidade no complemento da obra. E' o que recommendamos vivamente a todos os nossos amigos.

Manuel Firmino foi corrido como um sendeiro. Cantem-lhe lóas. Entoem-lhe hosannas á *dedicação partidaria*. Digam maravilhas da *abnegação com que s. ex.º pediu para sair do governo civil*. Que, com tudo isso, não fazem senão augmentar o ridiculo que os cobre. Nem ao menos vêem, os sendeiros, e quando dizemos sendeiros falamos de todos que tem apregoado a *dedicação de s. ex.º*, nem ao menos vêem que o publico se ri d'essas larachas ineptas.

Mas falemos do novo funcionario, repetindo pouco mais ou menos o que escrevemos em 14 do corrente. Nenhuma parcialidade ou animosidade nos impelle contra s. ex.º. Aguardamos os seus actos. Se forem arbitrarios e injustos pôde s. ex.º contar com a nossa censura crua e dura. Mas se forem dignos, pôde crer tambem que nunca o chamado *espirito de politica* nos levará a regatear-lhe applausos ou a combater-lo em tudo e por tudo. Nós não queremos saber se s. ex.º é progressista ou não é. Acima de tudo está a justiça e o decoro publico. Observe o sr. governador civil uma coisa e outra e encontrará em nós o mais decidido apoio.

E não terminaremos sem lembrar a s. ex.º a dura tarefa de que se encarregou. Abunda por todos os lados o desrespeito á lei, a arbitrariedade, e a pouca vergonha. O sr. governador civil encontra uma herança deploravel. Precisa de muita energia para pôr isto a direito. E, entretanto, não pôde deixar de a ter. E, entretanto, se a não tiver é um homem irremediavelmente perdido.

Arreste s. ex.º primeiro do que tudo com as patifarias da Santa Casa da Misericordia. Imponha-se desde já por um acto de moralidade publica dissolvendo a mesa administrativa da Santa Casa e nomeando gente honesta e capaz. Se o fizer, cerca-se desde logo das sympathias publicas. Se o não fizer, succedem-se

os conflictos, azeda-se a lucta e v. ex.º cahe ingloriamente como cahiu o seu antecessor.

E um ultimo conselho lhe damos. E' natural que v. ex.º se rodeie de progressistas, como seus correligionarios, e tem-os ahí muito dignos e honestos. Mas nunca se deixe assoberbar pela companhia dos malandros! Evite sempre a canalha que obedece ás ordens de Manuel Firmino d'Almeida Maia!

Fuja d'elles, sr. governador civil, olhe que o perdem. E sob nossa palavra de honra lhe declaramos que estamos falando com toda a sinceridade e sem o menor proposito politico.

Fuja d'elles, e será muito bom para v. ex.º, para o seu partido e para nós todos.

## LODO E LODO!

(EXCAVANDO)

Já n'outro dia aqui publicamos as bellas injurias que José Eduardo d'Almeida Vilhena e Manuel Firmino d'Almeida Maia arremessaram ao rosto do sr. presidente do conselho de ministros. Todo o mundo ficou deduzindo d'ahi a falta de character do sr. ministro do reino.

Hoje vamos *excavar* coisa mais preciosa que isso. São as duras verdades, mas grandes verdades, que o sr. José Luciano de Castro disse do capitão e do tenente da companhia dos malandros. O sr. José Luciano pintou-os com mão de mestre. Honra lhe seja!

E, depois, digam lá os bandalhos, de todos os matizes e de todas as terras, que nós caluniamos os heroes!

Leiam com a mais religiosa attenção, que é o sr. José Luciano que escreve.

O *Portuguez*, n.º 3020, de 26 de maio de 1863:

«O ultimo numero do *Campeão das Provincias, jornal protegido pelos Brandões e quantos canibales abrirem a boisa para saciar as ambições dos bandidos da penna, das Messalinas da Imprensa, dos mais asquerosos pasquins do jornalismo portuguez*, publica um artigo difamatorio, desbragado, e impudente contra o governo, e particularmente em desabono do sr. deputado José Luciano de Castro.

O melhor correctivo, a mais eloquente resposta ás diatribes despejadamente calumniosas do rabisçador aveirense, é o silencio e o despreso.

Basta recordar-nos que n'aquelle mesmo jornal, não ha ainda um anno, que foi atrocemente ofendido e torpemente calumniado o grande orador, cuja perda lamentamos em perpetuo luto a tribuna portugueza! Não é muito que o sr. José Luciano soffra as iras dos escriptores esfalmados, a quem o governo, em obsequio á moralidade pu-

blica, retirou a prebenda do orçamento que lhes alimentava a gula insaciavel.....

O *Campeão*, como estava acostumado à esportula de 50000 réis mensaes que lhe dava o sr. Rodrigo da Fonseca, e ao ouro com que os Brandões lhe pagaram os seus serviços, cre ingenuamente que ninguém pôde defender uma causa de cuja moralidade está convencido, sem estipendio certo e paga larga.....

Continue o *Campeão* no seu caminho que vae bem. Rediram-lhe a verba do orçamento, acabaram as comedellas do recrutamento, e é de crer que em breve acabem as da camara.»

O *Portuguez*, n.º 3021, de 27 de maio:

«O *Campeão das Provincias*, jornal assalariado peios Brandões, pau para toda a obra, no seu n.º de 23 do corrente referindo-se ao *Portuguez*, escreveu meia duzia de calumnias tão vis e indecentes, como nos parece ser o caracter dos seus redactores.

Se fallamos do subsidio de 50000 réis mensaes, que o «*Campeão das Provincias*» recebe do governo da regeneração, é porque é um facto publico e notorio. A *Revolution*, aliada do *Campeão das Provincias*, publicou ahi o compromisso do proprietario do jornal aveirense, segundo o qual o «*Campeão das Provincias*» se compromettia a defender o governo regenerador pela modica quantia de 50000 réis cada mez. Lá barato era. Com pouco se contentava.

O *Portuguez* não desce a justificar-se das accusações infames, que lhe faz o jornal de João Brandão de Midões, jornal que ainda no seu ultimo numero apresenta João Brandão como o pacificador da Beira, e como um homem de grandes serviços à causa da humanidade. N'isto tem razão o *Campeão das Provincias*; João Brandão é um bom e optimo cidadão, e tanto que o sr. Fontes, sendo ministro, ordenou que as auctoridades administrativas e militares de tres dos mais importantes districts do reino obedecessem a João Brandão, nomeado logar tenente da Rainha.

O *Portuguez* não se defende das calumnias do *Campeão das Provincias*. Tem um testemunho insuspeito para a opposição—o do sr. Antonio José d'Avila—que declarou, sendo ministro, no parlamento, que os redactores do *Portuguez* não se sujeitavam a receber insinuações dos ministros, que escreviam sempre independentemente, chegando até a combater muitos dos seus actos. Os assalariados obedecem a quem lhes paga, ao contrario levanta-se-lhe o subsidio.»

Leram? Pasmaram? Não ficaram attonitos com tanta falta de pundonor e de brio?

Saiba-se: era verdadeiro, profundamente verdadeiro tudo quanto o sr. José Luciano de Castro dizia dos bandidos infames. E depois do que lhes disse o sr. José Luciano não ha mais a dizer a esses pulhas.

Era verdadeiro, e era falso, na sua maioria, o que elles escreveram do sr. José Luciano de Castro. Justiça a todos! Mas, por isso mesmo, mais repugnante é o caracter do sr. ministro do reino. Infamaram-n'o, e sua ex.ª, hoje, abraça-os e beija-os! S. ex.ª disse d'elles profundas verdades, e hoje vive na melhor camaradagem com os biltres!

Esta degradação é horrivel. Atasca-se tudo em lodo! Continuaremos domingo.

## UMA LICÇÃO AOS BILTRES

A *Democracia Portuguesa* publicava hontem os seguintes documentos, precedidos d'uma carta do nosso amigo Francisco Christo:

Ill.ªs e ex.ªs srs. Antonio da Silva Pereira e Francisco Augusto da Fonseca Regalla.

Meus amigos:

Contendo um artigo, sob o titulo de *Fac-Simile*, publicado no n.º 3733 do *Campeão das Provincias*, de quarta-feira 10 do corrente, numero que só agora recebi, allusões claras ao meu nome, e attentatorias dos meus brios de homem e de militar, peço-lhes o obsequio d'exigirem do director d'aquelle bi-semanario, ou do auctor do artigo, as reparações indispensaveis à minha dignidade offendida.

De v. ex.ª

Am.º e crd.º obg.ª

Mafra, 12 d'outubro de 1888.

Francisco Manuel Homem Christo.

Ill.ª e ex.ª sr. Francisco Manuel Homem Christo.

Nosso amigo:

A carta de v. ex.ª, datada de Mafra, em 12 do corrente mez, cumpre-nos responder o seguinte:

Sabe-se geralmente que o director do *Campeão das Provincias* é José Eduardo d'Almeida Vilhena e ha todas as probabilidades de que o auctor do artigo, a que v. ex.ª se refere na sua carta, seja elle, ou José Maria Barbosa de Magalhães.

Sendo assim, depois das affrontas que a imprensa local tem ultimamente dirigido a estes individuos, sem que elles tenham procurado desaggravar-se, entendemos que não é digno de nenhum homem que se preze, pedir-lhes explicações ou reparações.

Demais o 2.º dos signatarios d'estas linhas é um dos que publicamente os affrontaram e a quem até hoje não pediram a responsabilidade de similhante facto.

Pelo que fica exposto vê v. ex.ª que nos achamos prohibidos, por todos os principios de cavalheirismo, de tratar negocios de honra com taes individuos.

Para o caso, porém, de v. ex.ª não concordar com a nossa opinião e querer dar a outros a missão de que não podemos encarregar-nos, é do nosso dever dizer a v. ex.ª o que pensámos do artigo, em que v. ex.ª se julga injuriado.

O referido artigo, perante o brioso e bem conhecido caracter de v. ex.ª, dadas as tradições do *Campeão das Provincias*, em que foi publicado, e outros factos originados na questão que o provocou, é para nós ponto de fé, ter por fim comprometter a v. ex.ª, na situação especial em que se acha. Esperam comprometter a v. ex.ª sem tomarem a responsabilidade do que escrevem. N'estes termos achamos conveniente que v. ex.ª, a querer persistir no proposito d'exigir reparações ao auctor do artigo, se habilite previamente a proceder liberto dos compromissos inherentes à sua situação especial de militar.

De v. ex.ª

Mt.º att.º ven.º e am.º obg.ª

Aveiro, 14 de outubro de 1888.

Antonio da Silva Pereira.  
Francisco Augusto da Fonseca Regalla.

Eis a melhor resposta que se poderia dar aos bandalhos d'Aveiro e de Lisboa, que julgam haver alguém n'esta terra que receie assumir a responsabilidade, seja do que fôr, contra os quadrilheiros a que preside Manuel Firmino d'Almeida Maia.

A elles diz-se tudo e elles tudo acceitam e calam, ou vão aos tribunaes, onde se não admittem provas, pedir vingança contra os homens dignos que lhes esfarr-

pam a tunica. E, depois, ainda apregão o seu desaggravo, e... a sua honra!

Os seus adversarios seguem um caminho muito mais digno, o unico que pôde e deve trilhar um jornalista. Não pedem reparações aos tribunaes, porque, com a organização actual dos nossos codigos, uma sentença, por mais digno que seja o juiz, e não é essa dignidade que se discute, nunca representa um desaggravo. Desde que a lei não admitte distincções entre as injurias feitas a um homem honesto e a um tratante, a lei é uma monstruosidade, que nunca evitará outros meios ou outros recursos. (Os nossos amigos, pois, que differem muito da companhia dos malandros, não se podem equiparar com elles, chamando-os aos tribunaes. Mas n'uma attitudé cavalheirosa e firme, não só lhes provam todas as accusações que lhes dirigem, como immediatamente levantam, fazendo-lh'as engulir, e deixando-os na triste situação que se vê, as babozeiras em que os canalhas suppõem vêr injurias ou insultos, mas que não passam dos excrementos fetidos d'uns gaiatos immundos.

Porém, o mais curioso de tudo é o seguinte.

Está claro que, depois da carta dos srs. Regalla e Silva Pereira, o sr. Christo não podia encarregar mais ninguém de procurar o auctor do artigo em que viu injurias ao seu caracter, auctor que toda a gente sabe ser José Eduardo d'Almeida Vilhena. Comtudo, podia-lhe cuspir na cara, ou dar-lhe com um chicote.

Não precisamente para isso, que para isso não hão de faltar occasiões, mas para esclarecer esse ponto, publicando livremente os documentos que acima se lêem, e estar prompto para o que *dêsse e viesse*, e uma das primeiras coisas seria, de facto, na primeira occasião propria, retalhar a cara d'um malandro, o nosso amigo Christo pediu a inactividade temporaria. Pois sabem o que succede? Os malandros traziam em Lisboa espiões em volta do sr. Christo. De fórma que immediatamente souberam que aquelle sr. tinha pedido a inactividade e immediatamente applicaram ao ministro que lh'a não dêsse. O proprio ministro o confessou, e esse facto é publico na secretaria da guerra.

Vejam até onde chega a poltronice d'estes bandalhos, que chamam covardes aos outros! Não os ha mais abjectos e mais torpes. Tão abjectos como elles só quem os defende.

E ahi ficam os factos. Proceda como proceder o sr. ministro da guerra, e sua ex.ª não pôde negar a inactividade a nenhum official nos tempos normaes, o que mais uma vez se demonstrou foi a revoltante degradação e infamia dos malandros da nossa terra.

Ei-lhos ahi mais uma vez desmascarados e na lama.

O insolente K. Lemos do *Reporter* que desca a rehabilita-los, se pôde e é capaz.

## A QUESTÃO DE AVEIRO

E

## A IMPRENSA

A *Officina*, de 29 de setembro:

«O governador civil de Aveiro ainda não foi demittido. O governo conservando-o, applaude-lhe as tranquiernas, tornando-se responsavel pelos desaforos, praticados contra o partido liberal e a favor da seita jesuita, que as auctoridades patrocinaram.

E oxalá assim succeda, por quanto os senhores do poder, ainda pretendem, n'uns assomos de dignidade, mostrarem-se adversarios do jesuitismo, quando é certo ha muito venderam as suas consciencias e as suas convicções. Os factos são deprimentes pa-

ra homens que prezam o seu bom nome e a sua honra.

Ninguém pôde, ninguém deve ignorar que o governo é jesuita,—o que se chama da *gemma*—mais jesuita do que o tem sido os governos regeneradores; vê-se isto a todos os momentos, demonstra-o elle proprio a todo o passo, nas occasiões mais solemnes; quer se discuta, escrevendo, quer se discuta, fallando.

E não vão longe os acontecimentos. No parlamento, progressistas *ferrenhos*, tem sahido á estacada em defeza dos interesses jesuiticos, das corporações que elles instituiram, dos institutos que para ahi estabeleceram.

Quem se não lembra das palavras proferidas pelo sr. de Rio Maior, do desafio franco e preciso que elle dirigiu ao governo, a proposito da fallada expulsão dos jesuitas?

Bem alarmante foi o caso para ser depressa esquecido; bem commentadas foram essas palavras pela imprensa, e bastante sensação produziram no paiz, não só pelo atrevimento e arrojo de quem as proferiu, mas pela covardia e cynismo com que o governo as recebeu e ouviu.

Portanto não ha duvidas da porteria do governo. Elle ha de proteger os aulicos defensores ao serviço do jesuitismo, sem rodeios e sem hesitações.

Dizem que as irmãs da caridade sahiram do hospital, muito espontaneamente. A falsidade d'esta asserção transparece ás primeiras vistas.

Sahiram em consequencia dos protestos do povo, pela attitudé energica da imprensa, com especialidade do *Povo de Aveiro*, e muito principalmente pelos ultimos successos que provocaram as iras populares a tal ponto, que se chegon a empregar a força para corrigir os desmandos das auctoridades.

Tudo isto o governo tinha obrigação de evitar e já que não soube cumprir com o seu dever, quando o povo lhe pedia a expulsão das irmãs da caridade ao serviço hospitalar, fizesse-o agora para seu decoro, demittindo essas auctoridades que ordenaram e protegeram o assalto á urna, assalariando meia duzia de homens prompts à primeira voz a provocarem os adversarios que combatiam legalmente.

Agora, diz-se, vae proceder a uma syndicancia. O ministro do reino quer saber onde está a verdade!

Hesita o governo em se declarar contra os actos dos seus aulicos, quando ha muito os devia conhecer pelas suas virtudes e mais *manhas*. Fingê não conhecer o famigerado Firmino, governador civil de Aveiro, e mostra acreditar na defeza torpe que essas auctoridades ineptas apresentaram.

Vae-se syndicar... mas todos sabem o que isso val nos nossos reinos. A milhares de syndicancias se tem procedido sem que d'ellas resulte a punição dos criminosos. O pesa-papeis da politica colloca-se sobre todas as indignidades e roubos em que figurem os apaniguados.

D'esta fórma a syndicancia que se exige para conhecer a verdade, que está evidente, é uma burla.

O governador civil de Aveiro não será demittido—serve com dedicação a causa do jesuita e tanto basta para que fique.

Não ha vergonha nenhuma.»

*Correio do Povo*, de 16 d'outubro, sob o titulo—A *reacção em Aveiro*:

«Não é sério o que o governo está praticando em Aveiro a proposito da questão suscitada contra as irmãs da caridade.

O ex-governador civil, Firmino, ainda se conserva á frente da administração do districto, só para auxiliar a serie de trapalhices, engendradas de accordo com o governo, no intuito de dar vencimento á lista reaccionaria, por

eile protegida, para futuros mezaros da misericordia d'aquella cidade.

Tão indecoroso procedimento, traz muito exaltados os animos dos liberaes de Aveiro, em virtude do que, são facéis de prever gravissimos acontecimentos no dia da eleição.

Oxalá que o governo não tenha de arrepender-se da sua cumplicidade com os manejos da jesuitada em assumpto tão melindroso.»

O *Porta Estandarte*, de 30 de setembro:

«Em Aveiro os animos estão ainda exaltadissimos e é para recear, caso o governo se mostre d'uma grande tibieza—não demittindo o governador civil, esse progressista ao serviço da seita negra, essa torpe individualidade que tudo sacrifica ás suas conveniencias, até mesmo o amor que o devia prender ao progresso da sua terra, à liberdade que tanto sangue custou aos filhos d'essa heroica cidade, um conflicto gravissimo, porque um povo que sabe quebrar as gargalheiras da tyrannia não soffre imposições despoticas, nem tão pouco consente que se desfralde a flamula negra da reacção junto do pavilhão glorioso que representa uma longa geração de heroes. Pôde mostrar, n'um momento de indignação, de quanto é capaz a sua energia, fazendo pedagos o jugo que o opprime e varrendo para longe o negrume com que pretendem escurecer a sua consciencia e dominar o seu poderio.

Um poeta, que foi uma aguia de inspiração e um pelicano da Ideia, alma formosa como o sol e um cerebro indomavel como uma cratera, o querido Guilherme Braga, dissera: «não fazemos ninho os milhafres nas cavernas dos leões!» E queriam essas aves malditas que crucitam em torno da liberdade, julgando-a moribunda—quando ella possui ainda vigor sufficiente para, reforçada no exemplo heroico do grande marquez de Pombal, mandar para as profundas dos infernos essas harpias que estendem as unhas até ao cofre dos nossos affectos e á arca santa do nosso trabalho, queriam esses corvos famintos fazer ninho no berço do grande liberal José Estevão: «é que os milhafres não fazem ninho nas cavernas dos leões!»

O *Alemquerense*, de 27 de setembro (correspondencia de Lisboa):

«Tem dado que falar as trampolines do governador civil de Aveiro na eleição da mesa da Misericordia da mesma cidade.

Dispensome de referir os actos cabralinos, escandalosos, que alli se deram, porque tem sido sufficientemente discutidos pelos jornaes diarios e eu não desejo servir caldo requentado aos leitores.

Não me dispenso porém de tocar nas *irmãs da caridade*, o pomo de todo este barulho, para dar os meus sentimentos aos reaccionarios aveirenses pela sahida das suas queridas santinhas.

E os meus sentimentos são sinceros porque sei o que são essas separações e quanto me seria desagradavel o deixar de contemplar todos os domingos de manhã, no largo de S. Roque, uma *irmãzinha* do asylo da rua da Rosa, de habito cinzento e chapeleta branca, que acompanha um rancho de meninas à missa.

E' uma joven deliciosa como uma divindade. Que olhos azues tão meigos e profundos! Que finura de cutis rosada como a petala d'uma camelia! Não deve ter mais de 19 a 20 annos esta linda e fresca creança, amortalhada em vida, que eu admiro abortido até desaparecer por detrás do guarda vento do templo.

Impressiona-me dolorosamente esta apparição, e ao seguir o meu caminho vou pensando na

dôr e nas lagrimas derramadas pela família d'aquelle anjo, quando lhe foi arrebatado dos braços para ir cahir nas mãos dos vis e libidinosos jesuitas.

Tenho n'estes momentos uns fremitos de indignação recordando que aquelles encantos são prostituidos pela baba do sotaina repellente, e que tão meiga creatura poderia ser uma esposa amantissima e uma mãe terna.

Teem por isso os fradaldões de Aveiro sobejos motivos para se morderem de raiva com a retirada das suas irmãs, que lhes prestavam tão bons serviços na terra do bom mexilhão.

A Vergasta, de 14 de outubro:

«Na nobre e altiva cidade de Aveiro, digna patria do grande e gloriosissimo vulto liberal, que se chamou José Estevão Coelho de Magalhães, athleta do bem e da virtude, orador inequalavelmente distincto e famoso, continha ainda renhida a lucta travada entre os admiradores do grande homem e os seus inimigos, que tambem o são da patria, da liberdade, da honra e do dever.

As irmãs da caridade sahiram, mas é necessario que mais alguem saia, da briosa cidade de Aveiro. Os que, para insultarem a veneranda memoria do immortal José Estevão, introduziram n'aquella terra essas caridosas irmãs; os que, para as sustentarem alli, commetteram mil torpezas, não podem continuar a mandar em Aveiro: é preciso que saiam tambem, que desçam das cadeiras do poder, a que se guindaram e em que, vergonhosamente, se conservam.

O nosso denodado collega o Povo de Aveiro tem sido incançavel e mais do que valoroso no combate, de que com certeza ha de sahir victorioso, pois que se acha á frente dos que luctam pela Justiça, pelo Direito e pela Razão.

A vante!»

## CALLICIDA



Extracção dos callos sem dôr em 5 dias

DEPOSITOS PRINCIPAES: — Lisboa, Gonçalves de Freitas, rua da Prata, 229 a 231; Porto, Machado & Lopes, rua do Bom Jardim, 10 a 12; Portogre, pharmacia Lopes; Braga, Pereira de Lemos; Pinhel, pharmacia Lima; Penafiel, pharmacia Villaga; Figueira da Foz, J. Lucas da Costa; Castello Branco, pharmacia da Misericordia; Vizeu, pharmacia Firmino A. Costa; Vianna do Castello, pharmacia Almeida; Elvas, pharmacia Nobre; Faro, pharmacia Chaves; Santarem, Silva, cabelleireiro; Villa Real, Dionysio Teixeira; Lamego, João de Almeida Brandão; Coimbra, Viuva Areosa.

Africa—Loanda, José Marques Diogo. Brazil—Rio de Janeiro, Veiga Pinto & C.ª; Pernambuco, Domingos A. Mathews; Bahia, F. d'Assis e Souza.

E nas principaes villas do paiz. Pedidos ao auctor

Antonio Franco — Covilhã

## Noticiario

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

### Sabino de Souza

Os assumptos locais, que nos teem enchido o espirito e enchido o jornal, não nos deixaram prestar a ultima homenagem a um dos mortos illustres do partido republicano. Apesar de haver uma grande distancia entre os nossos processos politicos e os de Sabino de Souza, não deixamos de reconhecer os meritos e os serviços d'aquelle fallecido homem publico. Depois, são benemeritos, são dignos, merecem sempre a gratidão do publico aquelles que foram republicanos,

aquelles que trabalharam pela causa do povo, empoora se dissessem radicaes ou opportunistas.

Sabino de Souza era um republicano, era um caudilho da causa popular.

Aqui fica, com o nosso reconhecimento, a manifestação do nosso respeito.

Acha-se em via de completo restabelecimento, na sua casa de Alqueidão, o sr. Domingos Soares, a quem uma pertinaz enfermidade ha tempo havia acometido.

Muito estimámos.

O Club José Estevão Coelho de Magalhães acaba de enviar o seguinte officio aos liberaes aveirenses, que promoveram o movimento n'esta cidade contra a reacção. Gostosamente lhe damos publicidade:

Illustres concidadãos.

Temos a honra de vos comunicar que a commissão executiva do Club Escolar José Estevão Coelho de Magalhães, por unanimidade, e interpretando os sentimentos de todos os seus consocios, resolveu lançar na acta das suas sessões um voto de profunda adhesão e enthusiasmo pelo modo energico e dignissimo como ahi tendes mantido bem alto o estandarte do verdadeiro liberalismo, contra os esforços e vilissimos intentos da reacção.

Lisboa — Club José Estevão, 15 de outubro de 1888.

Aos illustres cidadãos promotores do movimento anti-jesuitico em Aveiro.

Pela commissão executiva,  
O secretario,  
Clemente Nunes de Carvalho e Silva.

Recebemos ha dias o 1.º fasciculo do *Commentario ao Novo Codigo Commercial*, obra muito importante, devida á penna do distincto advogado da capital, o sr. J. F. Azevedo e Silva.

Eis os capitulos que este fasciculo insere:

I. O commercio e as operações mercantiles.

II. Resumo da historia do commercio.

III. Evolução da historia do direito commercial.

IV. Resumo da historia do direito commercial portuguez.

V. Apreciação geral do novo Codigo Commercial Portuguez.

Assigna-se nas principaes livrarias.

A'cerca do naufragio de Espozende, em que pereceram 24 homens, escrevem d'alli:

«Chegou hoje de Vigo o unico pescador que conseguiu salvar-se. Faz a seguinte narrativa da catastrophe:

A embarcação, no dia 18, sosobrou debaixo d'uma aragem fresca, a 3 milhas da barra pouco mais ou menos e cerca das 10 horas da manhã.

Os tripulantes, avistando outra embarcação, que demandava terra, gritaram por soccorro, fazendo signal com uma bandeira, mas tudo foi inutil; os mareantes não fizeram caso.

Ao sol posto da tripulação viviam apenas 14, ás 6 horas da manhã 6, por fim ficou apenas elle agarrado á roda da proa do batel, até que foi salvo por um vapor hespanhol que o levou para Vigo e que passou perto d'elle.

Causa horror o modo como o pescador descreve a morte dos infelizes companheiros. Diz que, ao passo que iam morrendo, iam dizendo:

—Adeus! Se chegardes a ir a Espozende lembrae-vos de mim.

E assim iam morrendo successivamente.

A sua agonia foi tanto mais amargurada que, passando perto d'elles outra embarcação, julga-

ram que iam ser salvos, mas o barco passou sem os soccorrer.

E' desgraçadissima a situação das familias dos pescadores mortos.»

Diz o *Faro de Vigo*:

«A goleta de guerra *Prosperidad*, que regressava hontem de tarde de Villagarcia, encontrou, a umas duas milhas ao Norte das ilhas Cies, uma embarcação submergida e dentro d'ella dois cadaveres.

O casco está pintado de encarnado, parece de pesca e tem a marca E. N. 45.

A embarcação é portugueza. A um dos cadaveres encontrou-se no bolso algumas moedas de cobre d'aquella nação.

Suppõe-se que esta lancha seja da matricula de Espozende, como a outra, porque d'aquella povoação telegrapharam ao consulado de Portugal em Vigo, dizendo que são duas as embarcações que faltam. E' de presumir, pelo tamanho, que tambem fossem 25 os tripulantes.»

Foi approvedo pelo parlamento argentino um projecto de lei estabelecendo o casamento civil.

Acabamos de receber o n.º 2 da excellente publicação de propaganda anti-religiosa *O Livro Pensamento*. E' um jornal de todo o ponto recommendavel, custando cada série de 5 numeros, 100 réis. Publica-se uma vez cada mez.

A' sua administração rogamos nos envie o 1.º numero.

Uma anecdota a respeito do rei Milan, da Servia, contada pelos jornaes viennenses:

«Ha poucos annos o rei da Servia foi a Vienna, e n'uma noite perdeu 36.000.000 réis no Club dos Nobres.

O rei não tinha alli aquella somma, e para satisfazer a divida, não achou senão um meio: deixar de pendor o sabre de seu pae—um magnifico sabre coberto de brilhantes e outras pedras preciosas, presente do czar Nicolau ao seu antecessor Milosch.

Mas o melhor do caso é que o rei não tratou de ir buscar o sabre, e esta recordação historica figura hoje na magnifica colleção do opulento banqueiro de Berlim, *herr Bleichroeder*.»

Assim, sim.

Quando chegou a Lisboa o sr. D. Luiz, coronel d'um regimento allemão, os individuos que pegaram em archotes eram na maior parte *limpa-chaminés*, que foram alugados a 500 réis por cabeça!

Só assim. Uma popularidade de alto lá com ella!

As distancias astronomicas tem sido o objecto de enganhosos calculos destinados a tornal-as conhecidas de modo menos arido do que pela severa significação dos algarismos. O astronomico Jacobs acaba de expôr no *Journal du Ciel* um curioso calculo d'aquella natureza, fundado em rigorosos dados scientificos.

A distancia média da Terra ao Sol é de 147 milhões e 910.000 kilometros, distancia esta que, determinada por diversos methodos de resultados uniformes, poude ser nos nossos dias exactamente medida pelas observações da passagem de Venus pelo disco solar. Pôde dizer-se que é este o metro das distancias astronomicas, a unidade das medições inter-sideraes.

Para ter idéa d'este enorme espaço, imaginemos um gigante cujo braço podesse estender-se da Terra ao Sol, pondo a mão no grande astro. Seria necessario ao gigante viver depois d'isso 157 annos para que sentisse os effeitos da sua temeridade.

Effectivamente, como as ultimas experiencias feitas sobre a velocidade da sensação no braço humano provam que semelhante velocidade se propaga á razão de 31 metros por segundo, seriam

necessarios 157 annos para que o nosso Titan sentisse a dôr produzida pela combustão da mão. Durante todo este intervallo de tempo a mão do gigante poderia estar posta na colossal fornalha, onter-se consumido totalmente, sem que elle suspeitasse da sua desgraça.

Quando ao cabo de 157 annos o gigante surprehendido pela dôr soltasse o seu ingente brado de angustia, este gemido, caminhando como o som á razão de 340 metros por segundo, somente no fim de 13 annos e um quarto poderia ser presentido por quem se achasse no Sol.

Dado que o braço do gigante podesse estender-se até á bella estrella dupla do Centauro, que é a estação sideral mais proxima da Terra, não sentiria o Titan a dôr determinada pela combustão senão ao cabo de... 60 milhões de annos.

Estas distancias, no emtanto, são minimas no universo. A estrella mais proxima da Terra dista de nós tão somente 8 trilhões de leguas, ao passo que Sirius, Vega, a Polar e a Cabra pairam a 39, a 42, a 100 e a 170 trilhões de leguas.

Partiu no domingo para Braga o nosso amigo e distincto engenheiro, o sr. João Honorato da Fonseca Regalla, a primeira victima sacrificada aos odios dos quadrilheiros, d'esse bando de miseraveis da Vera Cruz.

Agora segue-se o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, segunda victima, tambem, como o sr. Regalla, pelo facto de votar na eleição da Misericordia contra a corja firminista.

Espantoso e unico! Quantas victimas se seguirão ainda? Que responda o Zé Forqueta immundo.

Ab, patifes d'uma figa, saciae essa fome que vos devora, mas lembrae-vos de que o ajuste de contas ha de chegar um dia.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Os alumnos José Henriques Maximo, José Soares de Oliveira, Francisco Costa e Augusto Telles, penhorados para com o seu digno professor o sr. José Casimiro da Silva, pelos disvellos que empregou para que elles obtivessem o resultado desejado nos seus exames, veem por este meio cumprimental-o e agradecer-lhe.

### Livraria Academica

Acaba de chegar a esta livraria um grande e variado sortido de tintas em tubo para pintura a oleo, aguarella, etc., pinceis, tela, pasta para envernizar quadros e tudo o mais que diz respeito á arte de pintura.

Estes artigos vieram directamente de Paris, da casa *Merlin*.

### Contra a debilidade

Recommendâmos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco, Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

### Publicações litterarias

### O RECREIO

*Almanach litterario e charadístico, para 1889*

Adornado com o retrato e elogio biographico do distincto escriptor Antonio de Menezes (Argus), por Francisco Antonio de Mattos; e contendo, além do calendario e mais esclarecimentos proprios d'um livro d'esta ordem, uma variada colleção de artigos humoristicos, contos, poesias, composições enigmaticas, etc.

Preço, 200 réis

A VENDA nas principaes livrarias. Para a provincia, remette-se pelo correio a quem enviar 215 réis em estampilhas á administração do «Recreio», R. Nova de S. Mamede, 26, 3.ª—Lisboa.

BAPTISTA DINIZ

## Os Invisiveis do Porto

GRANDE romance de sensação, actualidade e propaganda anti-jesuitica, em 4 volumes e baseado em factos do maior interesse.

Condições da assignatura

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita por fasciculos semanales de 5 folhas de 8 paginas, ao preço de 50 réis cada fasciculo pago no acto da entrega. Nas demais terras do paiz a distribuição é feita mensalmente em fasciculos de 20 folhas de 8 paginas, ao preço de 220 réis, pagos adeantadamente.

Quem angariar dez assignaturas, encarregando-se da distribuição, tem a commissão de 30 p. c. Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz e assigna-se em todas as livrarias de Lisboa e Porto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Diniz & C.ª, Cordearia, 150, 2.ª—Porto.

N'esta cidade assigna-se na Livraria Academica, na praça do Commercio.

### ALMANACH

Agricola, industrial e commercial, para 1889

CONTENDO além do calendario e prognosticos, todos os conhecimentos precisos de jardinagem, horticultura, agricultura, criação de gado, gallinhas e outras aves; coelhos, cevados, abelhas, bichos de seda, etc. — Preço, 40 réis.

Livraria Portuense, de Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª, editores — Porto.—(Para as vendas por junto grande desconto.)

EDIÇÃO MONUMENTAL

## Historia da Revolução Portuguesa de 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

TEM sido distribuidos com a maxima regularidade 29 fasciculos d'esta obra e o 2.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume. As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição. A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

Editores LOPES & C.ª, successores de CLAVEL & C.ª—119, rua do Almada, 123, Porto.

### NINHO E OVOS

FOR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 28 gravuras e 46 planchas coloridas, representando 86 variedades de ovos.—1 vol. br., 1.000 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á livraria Cruz Coutinho, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20, Porto.

### NOVA LEI

DO

### RECRUTAMENTO

Approvada por carta de lei de 12 de setembro de 1887

Precedida do importantissimo parecer da camara dos srs. deputados

Preço, 60 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

## Annuncios

### GENEBRA MOREIRA

CHAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

E' a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida. Continúa a ter acolhimento geral em todo o paiz; tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registrada) de MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

# LOTÉRIAS

**ANTONIO IGNACIO DA FONSECA**, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 61, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e illas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis **8:000.000**.

Bilhetes a 4800 réis; meios bilhetes a 2400; quartas a 1200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 30 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, tem de tirar uma licença que nas provincias é de 12500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no Diario do Governo de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista **Antonio Ignacio da Fonseca** promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao **CAMBISTA**

**ANTONIO IGNACIO DA FONSECA**

56 — RUA DO ARSENAL — 61

LISBOA

## REMEDIOS DE AYER

**Peitoral de cereja de Ayer**  
—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

**Extracto composto de sal-saparrilha de Ayer**—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

**Pilulas catharticas de Ayer**  
—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



**VIGOR DO CABELLO DE AYER**—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

## Acido Phosphato de Horsford's



É um agradável e saudavel **REFRESCO**. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes **JAMES CASSELS & C.ª**, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

**Perfeito Desinfectante e Purificante de JEVES**, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de roupas de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço 240 réis.

## HOTEL CENTRAL

DE

**MANUEL FRANCISCO LEITÃO**

RUA DE JOSÉ ESTEVAO — AVEIRO

**ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.**



**AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL**

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

**PARA, MARANHÃO, CEARA' E MANAUS**

**PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL**

**Preços sem competencia**

**Passagens de 3.ª classe a 265000 réis**

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

**Manuel José Soares dos Reis.**

ATTENÇÃO. — O annunciante encarrega-se da liquidação de horanças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços barattimos.



## Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo e approvado pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retractor do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

MACHINAS DE COSTURA DA COMPANHIA FABRIL

# SINGER

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

AVEIRO

As melhores e mais acreditadas machinas do mundo a prestações de 500 réis por semana e a dinheiro com grande desconto

A **Companhia Fabril Singer**, garante todas as machinas da sua exclusiva fabricação, e tem um especial interesse em não recomendar nenhuma que não seja a mais propria para os trabalhos que tenham de executar-se.

A **Companhia Fabril Singer**, tem alcançado em todas as Exposições os primeiros premios.

A **Companhia Fabril Singer**, não sacrifica nunca a utilidade, solidez ou duração á mera apparencia; as suas machinas são feitas para cozer, cozendo tudo bem; não estão envernizadas nem douradas para occultar defeitos, como succede com as imitações e falsificações allemãs.

A **Companhia Fabril Singer** é sempre a primeira a introduzir os ultimos e verdadeiros melhoramentos nas machinas para cozer: por estas e outras razões o publico comprehenderá, porque os allemães se dedicam com preferencia a imitar as machinas **SINGER**. O ouro falsifica-se sempre, o latão nunca.

Chamamos a attenção do publico para as novas machinas denominadas **LANÇADEIRA OSCILANTE**, com as quaes se podem fazer primorosos trabalhos e que até hoje ainda não tiveram rival. **E' a rainha das machinas!**

75, Rua de José Estevão, 79

AVEIRO

## DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introductera de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REZ-DO-CHÃO.

**BOMBAS**  
HYDRAULICAS  
De POÇO, CYSTERNA &c.

**ARAME**  
"CERCA-ESPINHO"  
Para vedar gado, &c.

**GRANDE DEPOSITO DE**  
**TUBOS DE FERRO**  
zincados e pretos para  
**CANALIZAÇÕES.**

**Tubos de Borracha**  
(CAUTCHOC).



**FOGÕES**  
CULINARIOS,  
ESTUFAS DE SALA.

**LOUÇAS DE FERRO**  
"AGATE"  
Para serviços da cozinha e meza, &c.

**ARADOS.**  
Debulhadoras de Milho.

**PRENÇAS**  
Para Fructas e Lrogas.

**E OUTROS**  
ESPECIALIDADES, &c.

## MOTORES A VENTO

(ou Moinhos de Vento)—**TUBBINA DE FERRO**—systema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

**MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.**

Accita-se **ORDENS** para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

**ESCRITORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente,**  
127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

## JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM

**OFFICINA DE SERRALHERIA**

EM

**AVEIRO**

**FORNECE** ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prégio d'arame, etc.